

Devo usar o termo «vítima» ou «sobrevivente»?

Normalmente, usamos o termo «vítima» quando nos referimos a alguém que foi recentemente afetado por um crime.

Costumamos usar «sobrevivente» para nos referirmos a alguém que passou pelo processo de recuperação, ou quando discutimos os efeitos a curto ou longo prazo do crime.

Algumas pessoas identificam-se como vítimas, enquanto outras preferem o termo «sobrevivente». A melhor forma de ser respeitoso é perguntar qual é a sua preferência.

Uma vítima é definida pelo dano que sofreu; **um sobrevivente é definido pela sua vida depois disso.** Uma vítima foi destruída e maltratada; um sobrevivente continuou a viver e a prosperar, apesar de ter sido vitimizado. Uma vítima está impotente, à mercê dos outros; um sobrevivente recuperou o seu poder.

A linguagem que utilizamos tem um impacto significativo na forma como nos vemos a nós próprios e ao mundo. Utilizar a palavra «vítima» para descrever alguém diminui a sua força e resiliência. Mantém o foco nas suas experiências traumáticas, em vez de em tudo o que alcançaram desde então. Para muitos sobreviventes de trauma, o simples facto de seguirem com a sua rotina diária exige reservas incríveis de força e determinação.

A dualidade das definições de «vítima/sobrevivente» atesta a importância de manter ambos os termos, de os associar para descrever esta vida.

Um não existe sem o outro, um não se sobrepõe ao outro, um não substitui o outro.

Pelo contrário, são as condições, as realidades concorrentes de uma existência pós-evento. O que isto confirma e descreve é a realidade da falta de encerramento. Esta experiência não termina, um dia, quando simplesmente «superas» a situação. Continuas a sobreviver-lhe. Cada vez que essa experiência de vitimização é trazida à tona novamente, imposta a ti para reviveres, ela é superada e, cada experiência de sobrevivência à vitimização é uma confirmação da tua força, da tua humanidade e da tua dignidade. É uma refutação da experiência de vitimização, uma rejeição e uma negação. Cada vez que te recompões, cada vez que voltas a enfrentar a situação, quebras as amarras que o agressor te impôs e afirmas o teu direito pleno e igual à vida nos teus próprios termos.

«Prefiro a palavra “vítima” porque coloca o foco de volta onde ele pertence: no terrorista que me transformou numa vítima. Não tive escolha nisso, e também não tenho muita escolha quanto à forma como reajo a isso. Sempre me pareceu estranho que os defensores da retórica do «sobrevivente» promovam tão frequentemente o termo «sobrevivente» como o mais adequado para todas as vítimas, chegando ao ponto de explicar em pormenor por que razão chamar-se a si próprio de vítima é algo inaceitável.»